

MARY HIGGINS CLARK

UMA CANÇÃO DE EMBALAR

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



## AGRADECIMENTOS

Finalmente, chega a hora de meter *Uma Canção de Embalar* no pequeno embrulho. É como se tivessem decorrido nove meses infindáveis desde que enviei o primeiro capítulo ao meu eterno editor, Michael Korda, com uma folha de capa em que rabisquei «aqui vamos nós mais uma vez».

Como sempre, a jornada tem momentos calmos. Noutros dias, fito o computador e pergunto-me: «O que te fez pensar que podes escrever outro livro?»

Porém, quer as palavras fluam ou surjam lentamente, a verdade é que adoro esta viagem e está na hora de agradecer às pessoas que me ajudaram a empreendê-la.

Michael Korda sugeriu o ADN do enredo desta história. No princípio, tive as minhas dúvidas, mas, como é habitual, fui atraída pela sua sugestão como uma abelha pelo mel. Mais uma vez e sempre, obrigada, Michael. Meu querido amigo, com a aproximação do quadragésimo aniversário desde que trabalhamos juntos, só posso dizer que é e tem sido maravilhoso.

Há quase três anos solicitei que Kathy Sagan se tornasse a minha editora interna. Tínhamos trabalhado juntas na *Mary*

*Higgins Clark Mystery Magazine* e sabia que ela é especial e que consegue equilibrar mil e um pormenores na cabeça enquanto vai recebendo o livro, capítulo a capítulo. Obrigada, Kathy.

Atear um fogo é fácil, mas, quando se escreve sobre o assunto, tem de se saber quem conduzirá a investigação. Agradeço esta informação e acompanhamento ao *fire marshal* Randy Wilson e ao *fire marshal* aposentado Richard Ruggiero. Se cometi erros foi porque percebi mal o que me disseram ou porque estou a precisar de me retirar. Mas muito obrigada pela simpatia e paciência com que responderam às minhas perguntas.

O advogado Anthony Orlando, um aficionado da pesca do atum, foi o especialista que me ajudou a perceber uma maneira interessante de ter um acidente de barco no Atlântico. Muito obrigada, Anthony.

As pessoas que se encontram nos bastidores e quem faz o trabalho de edição são cruciais no processo de transformar um manuscrito num livro. Os meus agradecimentos a Gypsy da Silva e à diretora artística Jackie Seow, pelas suas capas sempre intrigantes.

Os revisores que me acompanham na caminhada estão sempre presentes e mantêm-me ligada à terra. Obrigada a Nadine Petry, a Agnes Newton e a Irene Clark. Quando me dizem que mal podem esperar pelo próximo capítulo e me perguntam quando o vão receber, são sempre boas notícias.

E Ele, claro, John Conheeny, marido extraordinário, que permanece ao meu lado enquanto passo horas a fio a escrever ao computador quando o fim do prazo se aproxima. Nem toda a gente tem a oportunidade de encontrar uma segunda alma gémea e sinto-me grata por me contar entre esse grupo minoritário.

E, agora, uma reflexão sobre a sugestão de Michael para o próximo livro. Depois de me ter sugerido o enredo em

traços gerais, disse-me: «Acho que *I'll Be Seeing You* é um bom título.» Respondi-lhe: «Penso que já usei esse título, Michael.» Tivemos de ir pesquisar. E sim, já o utilizara. Por isso, o livro não terá esse título, mas adorei a sugestão para o enredo.

Mas, antes de começar, vou seguir uma vez mais o conselho do antigo pergaminho: «O livro está terminado. Que o autor se regozije.» E acreditem, é o que faço!

Cumprimentos e bênçãos,

Mary



*Para John*  
*E para os nossos filhos e netos Clark e Conbeeney*  
*Com amor*



## PRÓLOGO

Por vezes, Kate sonhava com aquela noite, embora não tivesse sido um sonho. Acontecera realmente. Tinha três anos e estava aninhada na cama a ver a mãe vestir-se. A mãe parecia uma princesa. Tinha um vestido de noite vermelho, lindíssimo, e os sapatos vermelhos de cetim de salto alto que Kate adorava calçar. O pai entrou no quarto, pegou em Kate e foi com ela e com a mãe a dançar para a varanda, apesar de ter começado a nevar.

Pedi-lhe que cantasse a minha canção e ele cantou, recordou Kate.

*Adeus, minha bebé, minha graça,  
O papá foi à caça,  
Para uma nuvem rosa apanhar  
E a bebé embrulhar.*

Na noite seguinte, a mãe morreu no acidente e o pai nunca mais lhe cantou aquela canção.



## CAPÍTULO

# 1

### **Quinta-feira, 14 de novembro**

Eram quatro da manhã e Gus Schmidt vestia-se em silêncio no quarto da sua modesta casa em Long Island para não incomodar aquela que era sua mulher há cinquenta e cinco anos. Não foi bem-sucedido.

A mão de Lottie Schmidt deslizou à procura do candeeiro que se encontrava em cima da mesa de cabeceira. Pestanejou para ver melhor, sentia os olhos pesados por causa do sono, reparou que Gus vestira um casaco quente e quis saber onde ia.

— Vou só à fábrica, Lottie. Aconteceu uma coisa.

— Foi por isso que a Kate te telefonou ontem?

Kate era filha de Douglas Connelly, o dono da Connelly Fine Antique Reproductions, a fábrica de móveis situada perto de Long Island City, onde Gus trabalhara até se ter reformado há cinco anos.

Lottie, a elegante senhora de setenta e cinco anos e cabelo branco, pôs os óculos e olhou para o relógio.

— Estás doído, Gus? Sabes que horas são?

— São quatro horas e a Kate pediu-me para me encontrar

com ela às quatro e meia. Deve ter os seus motivos e é por isso que vou.

Lottie percebeu que ele estava aborrecido e que não lhe devia fazer a pergunta que se encontrava na cabeça dos dois.

— Gus, tive um mau pressentimento. Sei que não queres que fale assim, mas sinto que alguma coisa má vai acontecer. Não quero que vás.

O casal entreolhou-se à fraca luz da lâmpada de sessenta watts do candeeiro de mesa. Quando falou, lá no fundo, Gus sabia que estava com medo. A pretensão de Lottie de que era vidente irritava-o e assustava-o.

— Lottie, volta a dormir — disse, zangado. — Seja qual for o problema, volto a tempo do pequeno-almoço.

Gus não era um homem dado a grandes manifestações de afeto, mas o instinto fê-lo aproximar-se da cama, inclinar-se, beijar a mulher na testa e passar-lhe a mão pelo cabelo.

— Não te preocupes — disse-lhe, convictamente.

Foram as últimas palavras que o ouviu pronunciar.

## CAPÍTULO

# 2

Kate Connelly esperava ser capaz de ocultar a ansiedade inquietante que sentia devido ao encontro com Gus, de madrugada, no museu do complexo industrial de móveis. Jantou com o pai e a sua mais recente namorada no Zone, o café da moda, no Lower East Side, em Manhattan. Enquanto tomavam uma bebida, manteve a conversa de circunstância do costume, que lhe saía facilmente quando conversava com a «namorada do momento» do pai.

Sandra Starling, uma beldade loura platinada, com pouco mais de vinte anos e uns grandes olhos cor de avelã, explicou-lhe seriamente que fora dama de honor num concurso de Miss Universo, mas foi bastante vaga a respeito da distância a que ficara de receber a coroa. A sua ambição, confidenciou, era fazer carreira no cinema e dedicar-se à paz mundial.

Esta ainda é mais burra do que as outras, pensou Kate, com sarcasmo. Doug, como fora instruída a tratar o pai, revelou-se jovial e charmoso como sempre, embora parecesse que estava a beber mais do que era costume.

Durante o jantar, Kate apercebeu-se de que avaliava o pai como se fosse uma jurada de um concurso de talentos na televisão. É um homem atraente, a aproximar-se dos sessenta

anos, pensou, sócia do lendário ator Gregory Peck. Lembrou-se de que a maior parte das pessoas da sua idade não conseguiria perceber aquela comparação. A não ser que fossem apreciadores de clássicos do cinema, como eu, pensou.

Estaria a cometer um erro ao envolver Gus naquele assunto?, questionou-se.

— Kate, estava a dizer à Sandra que és o cérebro da família — disse o pai.

— Eu não me vejo assim — replicou Kate, com um sorriso forçado.

— Não sejas modesta — admoestou-a Doug Connelly. — A Kate é contabilista diplomada, Sandra. Trabalha na Wayne & Cruthers, uma das maiores firmas de contabilidade do país. — Riu-se. — O único problema é que está sempre a dizer-me como devo gerir o negócio da família. — Fez uma pausa. — O meu negócio — acrescentou. — Esquece-se dessa parte.

— Pai, quero dizer, Doug — disse Kate, calmamente, apesar de sentir uma raiva crescente. — A Sandra não tem de estar a ouvir isto.

— Olha para a minha filha, Sandra. Trinta anos, loura, alta, linda. Saiu à mãe. A irmã, Hannah, é parecida comigo. Tem o meu cabelo escuro e os olhos azuis, mas, ao contrário de mim, veio numa embalagem pequena. Não deve ter mais de um metro e cinquenta e oito. Não é verdade, Kate?

O meu pai esteve a beber antes de vir para aqui, pensou Kate. Consegue ser terrível quando está tocado. Tentou desviar o assunto do negócio da família.

— A minha irmã trabalha na indústria da moda, Sandra — explicou. — É três anos mais nova do que eu. Quando éramos miúdas, ela passava o tempo a fazer vestidos para as bonecas e eu fingia que ganhava dinheiro a responder às perguntas do *Jeopardy!* e da *Roda da Sorte*.

Oh, meu Deus, o que faço se o Gus estiver de acordo comigo?, interrogou-se quando o empregado de mesa lhes trouxe os pratos principais.

Felizmente, a banda, que estivera a fazer uma pausa, voltou a entrar na sala de jantar apinhada e o elevado volume da música manteve a conversa no mínimo.

Kate e Sandra não quiseram sobremesa, mas, para sua tristeza, Kate ouviu o pai pedir uma garrafa do champanhe mais caro que constava da ementa.

Começou a protestar.

— Pai, nós não precisamos...

— Kate, poupa-me a tua sovinice.

A voz de Doug Connelly elevou-se tanto que chamou a atenção das pessoas que se encontravam sentadas na mesa ao lado.

Com as faces a arder, Kate disse, calmamente:

— Pai, vou tomar um copo com uma pessoa. Vou deixar-vos a saborear o champanhe.

Sandra perscrutava a sala à procura de celebridades, e fez um grande sorriso a um homem que erguia o copo na sua direção.

— É Majestic. O álbum dele está a subir vertiginosamente nas tabelas de vendas — afirmou, ofegante. E numa reação tardia, murmurou: — Prazer em conhecê-la, Kate. Se me tornar importante, talvez possa vir a gerir o meu dinheiro.

Doug Connelly riu-se.

— Que grande ideia. Talvez nessa altura me deixe em paz. — Mas acrescentou apressadamente: — Estou a brincar. Tenho orgulho no meu geniozinho.

Se imaginasses o que o geniozinho anda a tramar, pensou Kate.

Dividida entre a raiva e a preocupação, pegou no casaco,

que estava no bengaleiro, saiu para a noite fria e ventosa de novembro e fez sinal a um táxi que passava.

O seu apartamento ficava no Upper West Side e comprara-o no ano anterior. Era um T2 espaçoso com uma vista panorâmica sobre o rio Hudson. Adorava a casa, mas também sentia pena por o anterior proprietário, Justin Kramer, um gestor de fortunas, com pouco mais de trinta anos, ter sido forçado a vendê-lo por uma bagatela quando perdeu o emprego. Quando fecharam o negócio, Justin sorriera com desportivismo e oferecera-lhe um vaso com uma bromélia, idêntica à que admirara quando visitara o apartamento pela primeira vez.

— O Robby disse-me que gostou da minha planta — comentara, apontando para o agente imobiliário que se encontrava sentado ao lado. — Levei-a comigo, mas esta é o seu presente de boas-vindas à casa. Ponha-a no mesmo sítio, em cima da janela da cozinha, e crescerá como uma erva daninha.

Kate estava a pensar naquela oferta simpática, o que acontecia com frequência, quando entrou no apartamento e acendeu a luz. Todo o mobiliário da sala era moderno. O sofá bege-dourado tinha uns almofadões enormes e convidava a uma sesta. As cadeiras que faziam conjunto com ele, forradas com o mesmo material, foram concebidas tendo em vista o conforto, com braços amplos e grandes encostos de cabeça. Almofadas com os tons do padrão geométrico do tapete pontilhavam a decoração com alegria.

Lembrou-se de como Hannah se rira quando viera inspecionar o apartamento depois de a mobília nova ter sido entregue.

— Meu Deus, Kate — dissera-lhe. — Cresceste a ouvir o pai explicar que todos os móveis da nossa casa eram reproduções

excelentes da Connelly e tu perdeste a cabeça e seguiste precisamente a direção oposta.

Eu concordei, pensou Kate. Estava farta da conversa fiada do pai sobre reproduções excelentes. Talvez um dia mude de ideias, mas, entretanto, estou feliz.

*Reproduções perfeitas.* Só de pensar naquelas palavras, ficava com a boca seca.